

1961 SET 03

O retorno ao mercado

966

por Celso Pinto
de Washington

GAZETA MERCANTIL

está chegando a "um ponto crítico" e que novos parâmetros devem ser considerados. Um deles seria fixar 2% ao ano como uma taxa mínima aceitável de crescimento nos processos de ajuste econômico dos países devedores.

Ambos reconheceram que o problema da dívida era mais amplo e de mais lenta solução do que se imaginou no início da crise, em 1982. Os dois admitem, apesar do esforço de ajustamento de alguns países devedores, que o problema da dívida continua importante e o fluxo de financiamento inadequado.

Neste sentido, ambos apóiam o exame de novos instrumentos "imaginativos" para lidar com o problema, respeitadas duas premissas: que obedeçam às regras de mercado e que sejam fixados de comum acordo, ou seja, que tenham um caráter voluntário. Conable mencionou, em especial, o apoio que o BIRD poderia dar no caso de processos de conversão

de dívida em investimento e em títulos do tipo dos "exit bonds" (conversão de dívida em títulos de longo prazo, algo parecido ao que o Brasil está propondo).

O presidente do BIRD fixou entre os objetivos do banco o esforço para restabelecer "a solvência" e o retorno ao mercado de capitais, num prazo de cinco a sete anos, de países como Brasil, México, Argentina e Venezuela. Obviamente, tanto Conable quanto Camdessus reafirmaram alguns dos pressupostos tradicionais que devem acompanhar esse processo: um esforço de ajuste dos países devedores, de abertura de suas economias e de cooperação com os países credores. Ambos também insistiram na necessidade de manutenção do crescimento e de "ajustes estruturais" nos países desenvolvidos, especialmente em relação aos desequilíbrios nos balanços de pagamentos, e na importância de os bancos e as agências multilaterais sustentarem um fluxo adequado de recursos.

Do ponto de vista do BIRD, a definição de uma estratégia de mais longo prazo para lidar com a dívida é ainda mais relevante, dado o consenso obtido nesta reunião sobre seu aumento de capital, provavelmente de US\$ 40 bilhões, para US\$ 80 bilhões. Os Estados Unidos obstaculizaram essa revisão durante anos, mas indicaram, neste final de semana, uma mudança de posição. O Executivo norte-americano está disposto a apoiar um aumento de capital junto ao Congresso, um processo que se inicia agora mas que poderá estar completado em um ano ou mais.

O governo norte-americano está claramente disposto a apoiar uma ampliação do papel relativo do BIRD. Outra fonte importante de apoio ao banco vem do Japão: o vice-ministro Satoshi Sumita reafirmou, ontem, em discurso ao plenário, o desejo de seu governo de usar o BIRD como intermediário na reciclagem de recursos

(Continua na página 22)

Paul Volcker, ex-presidente do Federal Reserve Board, voltará a se ocupar com assuntos da dívida internacional. Volcker foi convidado pelo presidente do BIRD, Barber Conable, para atuar como consultor do banco na área da dívida.

(Ver página 22)

Tanto o Banco Mundial (BIRD) quanto o Fundo Monetário Internacional (FMI) estão dispostos a apoiar soluções para a questão da dívida que envolvam novos instrumentos, inclusive sua "securitização" (transformação da dívida em títulos com juros fixos). O BIRD, em particular, quer viabilizar o retorno de alguns países devedores de maior porte ao mercado internacional de capitais num prazo de cinco a sete anos.

Estes pontos ficaram claros nos discursos feitos ontem, em Washington, por Michel Camdessus, diretor-gerente do FMI, e Barber Conable, presidente do BIRD, na abertura da reunião anual das duas instituições. A questão da dívida ocupou um espaço importante nas colocações de ambos.

Conable admitiu que a estratégia para lidar com a questão da dívida externa

O retorno ao mercado

por Celso Pinto
de Washington

(Continuação da 1ª página)

para os países devedores, e seu respaldo tanto ao aumento de capital proposto quanto à expansão de seu papel. O fato de Conable ter completado uma reestruturação interna no BIRD, que implicou redução de pessoal (embora seja controversa e tenha despertado muitas críticas), poderá facilitar a tramitação da questão do Congresso norte-americano.

O discurso de Camdessus, por sua vez, foi especialmente importante por ser a primeira definição mais extensa de suas posições como diretor-gerente do FMI, posto que assumiu em janeiro. Um dos pontos que ele procurou enfatizar com mais clareza foi exatamente sua percepção de que a questão da dívida ainda é um ponto central de preocupação. Numa espécie de auto-crítica, ele admite, em certo momento, que uma das "lições" que o próprio FMI terá de incorporar no futuro é que o desequilíbrio gerado pelo problema da dívida exige muito mais tempo para ser ajustado do que os problemas "tradicionais" de balanços de pagamentos.

A abertura, defendida

por ele a instrumentos "mais imaginativos", até mesmo financeiros, para resolver a questão, é uma decorrência desse diagnóstico.

Camdessus também procurou marcar seu discurso com uma firme defesa do aumento de US\$ 3 bilhões para US\$ 9 bilhões, na linha de crédito de ajuste estrutural do FMI, utilizável por países de renda mais baixa, cerca de US\$ 800 anuais. Ele argumentou que a contribuição para esta linha por parte dos países desenvolvidos deve ser simultânea ao processo de aumento de capital do BIRD e procurou justificar a importância de concluir este processo o mais rápido possível. Os Estados Unidos, contudo, não estão dispostos a apoiar, de imediato, esta linha de crédito.

Na leitura feita pelo ministro da Fazenda do Brasil, Luiz Carlos Bresser Pereira, dos discursos de Conable e Camdessus, a conclusão que se impõe seria clara.

Se ambos admitem que a questão da dívida é mais grave e de mais longo prazo do que se imaginava, então devem apoiar a idéia de transformar a dívida em títulos de longo prazo, como quer o Brasil, sugeriu o ministro em entrevista à imprensa.